

Expor o progresso: o Rio Grande do Sul nas exposições de 1901 e 1908

Exhibiting Progress: Rio Grande do Sul at the 1901 and 1908 Exhibitions

Jéssica Bitencourt Lopes,¹ UFRGS

Resumo

Este artigo analisa a participação do Rio Grande do Sul na Exposição Estadual de 1901, realizada em Porto Alegre, e na Exposição Nacional de 1908, no Rio de Janeiro. A partir da análise de catálogos, álbuns, fotografias, periódicos e outros impressos, o texto examina como essas mostras produziram e difundiram imagens sobre o desenvolvimento regional. Nesse contexto, exposições são compreendidas como espaços de celebração e projeção pública, nos quais indústria, agricultura, técnica e ordem republicana foram articuladas na construção de uma determinada ideia de progresso. A trajetória de Alberto Bins e da *E. Berta & Cia* conduz a análise, evidenciando como a indústria gaúcha adquiriu visibilidade e passou a integrar as narrativas construídas nesses eventos, contribuindo para consolidar determinadas imagens sobre o Rio Grande do Sul no início do século XX.

Palavras-chave: Exposições; Rio Grande do Sul; Indústria; Alberto Bins; Progresso.

Abstract

This article analyzes the participation of Rio Grande do Sul in the 1901 State Exhibition, held in Porto Alegre, and in the 1908 National Exhibition, held in Rio de Janeiro. Based on the analysis of catalogs, albums, photographs, periodicals, and other printed materials, the article examines how these exhibitions produced and disseminated representations of regional development. In this context, exhibitions are understood as spaces of celebration and public projection, in which industry, agriculture, technology, and republican order were articulated in the construction of a particular conception of progress. The trajectory of Alberto Bins and *E. Berta & Cia* guides the analysis, highlighting how industry in Rio Grande do Sul gained visibility and became part of the narratives constructed around these events, contributing to the consolidation of particular images of Rio Grande do Sul in the early twentieth century.

Keywords: Exhibitions; Rio Grande do Sul; Industry; Alberto Bins; Progress.

Introdução

No início do século XX, as exposições estaduais e nacionais constituíram espaços importantes para a apresentação pública de projetos de desenvolvimento econômico e modernização. Organizadas em torno de comemorações, passagens de século e efemérides nacionais, essas mostras reuniam produtos agrícolas, máquinas, objetos industriais,

¹ Doutoranda em História pela UFRGS. Professora na SEDUC-RS. Licenciada e Mestra em História pela UFPel. ORCID: 0000-0002-5124-676X.

fotografias, mapas, estatísticas e discursos oficiais. A seleção e a organização desses materiais produziam interpretações sobre o passado, o presente e o futuro, transformando determinados objetos, setores econômicos e agentes em expressões legítimas do mundo moderno.

Partindo dessa perspectiva, este artigo analisa a participação gaúcha em duas exposições realizadas no início do século XX: a Exposição Estadual de 1901, organizada em Porto Alegre, e a Exposição Nacional de 1908, realizada no Rio de Janeiro em comemoração ao centenário da abertura dos portos às nações estrangeiras. A primeira exposição mostra como o Rio Grande do Sul buscou celebrar, em seu próprio território, uma ideia de ordem republicana, prosperidade econômica e capacidade produtiva após um período marcado por conflitos políticos. Já a segunda desloca a análise para o plano nacional, permitindo observar como o estado foi apresentado em uma vitrine na qual diferentes unidades da federação disputavam lugares simbólicos na construção do progresso brasileiro.

Em 1901, a mostra estadual ocorria em um contexto de afirmação do regime republicano e de recomposição simbólica após a Revolução Federalista (1893-1895). Já em 1908, a exposição nacional celebrava uma efeméride vinculada à abertura comercial do Brasil e à inserção do país nos circuitos internacionais, tendo como cenário a capital federal remodelada pelas reformas urbanas da *Belle Époque*. Em ambos os eventos, produtos, instituições e agentes foram selecionados para representar o Rio Grande do Sul e o Brasil.

A análise recorre ao *Catálogo da Exposição Estadual de 1901*, ao *Catálogo resumido ou synthese dos mostruários da Exposição Nacional de 1908*, ao *Álbum da Exposição Nacional de 1908*, ao *Almanak Laemmert* e ao periódico *A Federação*. Produzidos para essas exposições ou em torno delas, esses materiais prolongavam os eventos para além de sua duração, preservando formas específicas de registrar e difundir essas imagens. Considerados em conjunto, esses materiais permitem acompanhar as formas de classificação, divulgação e circulação das narrativas produzidas sobre o Rio Grande do Sul nas duas exposições.

A trajetória de Alberto Bins e sua fábrica *E. Berta & Cia* constitui o principal fio condutor da análise. A participação da empresa nas duas exposições mostra como determinados empreendimentos industriais foram incorporados à construção de uma imagem moderna do Rio Grande do Sul e convertidos em referências do progresso estadual, contribuindo também para a legitimação de novas elites ligadas ao capital urbano-industrial.

A Exposição Estadual de 1901 e a celebração republicana do progresso gaúcho

Com o objetivo de marcar simbolicamente o encerramento do século XIX e projetar aspirações e imagens do desenvolvimento para o período seguinte, o então Presidente do Estado Borges de Medeiros assinou, em abril de 1899, um decreto para a realização de uma exposição agroindustrial. A iniciativa visava exibir as produções estaduais, e também aproximar e criar vínculo com os empresários gaúchos, estreitando laços entre o poder público e os agentes do desenvolvimento econômico. Após sucessivos atrasos em sua organização, a exposição, inicialmente prevista para 1900, foi inaugurada em 24 de fevereiro de 1901, nos Campos da Redenção, com acesso pela área ao lado da Escola de Engenharia.

A realização da Exposição Estadual de 1901 se inseria em uma trajetória mais longa de mostras regionais organizadas no Rio Grande do Sul ao longo do século XIX. Exposições foram realizadas em 1859, 1866, 1875 e 1881. Esta última, a maior delas, foi denominada Exposição Brasileira-Allema e organizada por Carlos von Koseritz, sendo frequentemente considerada a primeira exposição de caráter mundial realizada no Brasil. Inserida nesse evento, a *E. Berta* obteve premiação de ouro ao expor fogões, fechaduras e grades de ferro, sinalizando já naquele momento a capacidade técnica e a competitividade de sua produção.

A Exposição Estadual de 1901 possuía também uma importante dimensão política. O Rio Grande do Sul não promovia uma mostra dessa natureza havia cerca de vinte anos, período marcado por profundas transformações sociais e políticas no Brasil e por conflitos que atravessaram particularmente a sociedade sul-rio-grandense. Nesse intervalo, ocorreu a abolição da escravidão, em 1888, a Proclamação da República, em 1889, e, no âmbito regional, a Revolução Federalista (1893-1895). O conflito evidenciou as disputas em torno dos projetos políticos e da organização do novo regime.

A exposição inseria-se em um contexto de reorganização das relações políticas e sociais e de afirmação da ordem republicana. Ao articular a valorização da atividade econômica às comemorações do regime republicano, a mostra celebrava as atividades agrícolas e industriais do estado. Consequentemente, isso contribuía para construir uma ideia de estabilidade, organização e progresso, apresentando o Rio Grande do Sul como uma sociedade capaz de superar os conflitos recentes e projetar-se no novo século.

Essa operação se materializou nos discursos produzidos em torno do evento. O *Catálogo da Exposição de 1901*, ao explicitar os objetivos da mostra, dedicou-se à promoção da Constituição de 1891 e à organização do sistema republicano, vinculando o desenvolvimento material à consolidação institucional do regime. A narrativa construída no

documento associava a prosperidade econômica exibida na exposição à superação do conflito armado e à atuação dos administradores republicanos, como indica o trecho a seguir:

Pode-se afirmar, que a prosperidade incontestavelmente notável exemplifica nesta Exposição recebeu o maior desenvolvimento de cinco anos a esta parte, após a guerra intertina já referida que se tornou calamitosa durante quase três anos em todo o Estado, cujas forças vivas despertaram se expandiram sob o abrigo da ordem, da liberdade e da justiça da legislação republicana, religiosamente mantidas pelos seus administradores. [...] o catálogo da presente exposição deve abafar e reduzir ao silêncio a voz odiosa das paixões subalternas do partidarismo, ditando a completa justiça à governação do Rio Grande do Sul (*Catálogo da Exposição Estadual de 1901*, p. 8-9).

O catálogo construía uma leitura na qual a exposição aparecia como prova material da capacidade republicana de reorganizar o estado, pacificar suas disputas e conduzir suas “forças vivas” ao desenvolvimento. A mostra, ao mesmo tempo que exibia produtos agrícolas e industriais, participava da elaboração de uma leitura política recente, na qual a guerra civil era apresentada como etapa superada e a ordem republicana como condição da prosperidade.

Partindo das reflexões desenvolvidas por Sandra Pesavento (1997) em *Exposições universais: espetáculos da modernidade do século XIX*, é possível compreender as exposições universais para além de sua função de mostrar produtos e técnicas. Esses eventos constituíram espaços de construção de sentidos sobre a modernidade. Ao longo do século XIX, esses eventos abriram caminho para a internacionalização do capitalismo industrial enquanto sistema, ao criar arenas de comparação entre nações, regiões e empreendimentos, hierarquizando produtos, técnicas e modos de organização econômica. As premiações, os pavilhões monumentais e a disposição cuidadosamente planejada dos objetos expostos produziam narrativas visuais e discursivas que legitimavam determinadas trajetórias de desenvolvimento, transformando o progresso em um ideal compartilhado, porém profundamente marcado por interesses de classe. Nesse contexto, o espetáculo expositivo mostrava o que se produzia, ao mesmo tempo que indicava como se deveria produzir e quem estava autorizado a ocupar posições de destaque nesse universo.

Em suma, no palco do exibicionismo burguês, o empresariado dava a receita para os que queriam seguir as trilhas da modernidade: o trabalho organizado, o conhecimento científico e a habilidade criadora do homem eram capazes de produzir máquinas e descobrir novos processos. O capitalismo demonstrava assim a sua exemplaridade e a classe que capitaneava esse

processo se colocava como merecedora da posição que ocupava (Pesavento, 1997, p. 111).

A dimensão celebrativa dessas mostras articulava-se a funções bastante concretas. As exposições reuniam empresários, autoridades públicas, técnicos, engenheiros e agentes de diferentes instituições em um mesmo espaço de convivência e reconhecimento mútuo. Entre os objetos apresentados encontravam-se máquinas e equipamentos industriais, produtos metalúrgicos, artigos agrícolas, derivados da pecuária, vinhos, madeiras, manufaturas e iniciativas ligadas ao ensino técnico. Ao exhibir esses artefatos, os expositores divulgavam seus empreendimentos, ampliavam redes de contato e obtinham distinções capazes de fortalecer sua reputação pública. Os catálogos, as premiações e a cobertura da imprensa ampliavam a visibilidade conquistada durante o evento, prolongando seus efeitos para além do período da exposição.

A presença da indústria metalúrgica nesse evento é significativa para observar a maneira como determinados setores eram incorporados à imagem pública do progresso gaúcho. Na Exposição Estadual de 1901, a *Fábrica Berta* destacou-se tanto pela escala quanto pela diversidade de sua estrutura produtiva. Conforme registrado no catálogo do evento, a empresa “[que] dispõe de 130 operários, duas máquinas a vapor com 24 HP, que fornecem força a 84 máquinas, havendo ainda 28 movidas a mão. Ocupa uma área total de 8.900 metros sendo edificadas 2.783 metros” (*Catálogo da Exposição Estadual de 1901*, p. 119). Entre os produtos apresentados, sobressaíam-se os cofres de ferro, propagandeados como os primeiros produzidos nacionalmente. Entre eles, destacavam-se um cofre encouraçado e blindado, fabricado especialmente para a Prefeitura de Porto Alegre, e outro submetido a um incêndio, que exposto, atestava resistência e reforçava o discurso de segurança e tecnologia associado à fábrica.

Além dos cofres, a *E. Berta* expôs uma ampla gama de artefatos industriais, como fechaduras, camas, bancos de jardim, prensas de copiar, escadas de caracol, sinos, fogões e clarabóias. Entretanto, foi no pavilhão municipal de Porto Alegre que a fábrica manifestou de modo mais expressivo seu poder industrial e sua capacidade produtiva. Nesse espaço, apresentou uma instalação de gás acetileno, desenvolvida em parceria com o engenheiro Rudolph Ahrons, cuidadosamente disposta para observação do público e responsável pelo fornecimento de energia ao pavilhão da Prefeitura (*Catálogo da Exposição Estadual de 1901*, p. 199-200).

Embora não tenham sido localizadas imagens dessa instalação específica, a fotografia de outro produto da empresa, um motor a vento, permite observar o interesse da fábrica em afirmar sua modernidade não apenas por meio dos bens produzidos, como cofres e mobiliário metálico, mas também por meio do desenvolvimento e do uso de tecnologias voltadas à geração de energia, recurso fundamental para a expansão das atividades industriais, mas ainda de acesso restrito e sem disponibilidade em larga escala.

Figura 1 – Motor a vento *Berta*, cinematographo e restaurante da Exposição estadual de 1901



Fonte: Acervo do Patrimônio Histórico da UFRGS. LUME UFRGS.

A presença desses objetos e instalações também sugere a forma como o moderno era tornado visível ao público. Como assinala Sevcenko (1998, p. 5), as transformações da modernidade afetaram os modos de perceber os objetos, o tempo e o espaço, alterando hábitos cotidianos e formas de experiência social. O público era convidado a reconhecer nos objetos industriais, nas máquinas e nas tecnologias de energia os sinais de uma sociedade em movimento.

A *E. Berta & Cia* integrava um conjunto mais amplo de expositores que buscavam apresentar a diversidade produtiva do Rio Grande do Sul. O catálogo da exposição mostra a presença de atividades ligadas à agricultura, à pecuária, à exploração de recursos naturais e à indústria de transformação. Cereais, vinhos, aguardentes, cervejas, mel, madeiras, couros,

produtos químicos, máquinas agrícolas, móveis, materiais de construção, impressos, joias e artefatos manufaturados compunham uma ampla mostra da produção estadual. A exposição também reservava espaço para as artes, a fotografia, os programas de ensino e os trabalhos escolares, incorporando instituições científicas e educacionais a retórica do progresso. Desse modo, agricultura, manufatura, ensino técnico e recursos naturais eram reunidos em uma mesma representação da economia gaúcha e da capacidade da sua sociedade.

Como dito anteriormente, a Exposição Estadual de 1901 também funcionou como espaço de consagração pública de agentes econômicos em ascensão. Foi durante o evento que Alberto Bins recebeu a patente honorífica de Major da Guarda Nacional, distinção concedida por Júlio de Castilhos, e posteriormente lembrada pelo industrial como seu primeiro reconhecimento político. O episódio sugere como as exposições extrapolavam a dimensão produtiva e comercial, constituindo ambientes de aproximação entre empresários e lideranças republicanas. Conforme Martiny (2010, p. 166-167), embora a Guarda Nacional tivesse perdido grande parte de suas funções após a Proclamação da República, suas patentes continuavam a operar como formas de prestígio e reconhecimento social. Fausel (s/d, p. 37) registra a comparação feita por Bins entre o título de major e o cargo honorífico de *Kommerzienrat* na Alemanha, indicando o caráter simbólico da distinção, associada menos ao universo militar do que à posição alcançada pelo industrial.

O Rio Grande do Sul na Exposição Nacional de 1908

Com o advento da Revolução Industrial, a partir do final do século XVIII, Inglaterra e França passaram a organizar exposições nacionais voltadas à apresentação, ao estímulo e à comparação de seu desenvolvimento industrial. Esses eventos funcionavam como espaços de exibição das capacidades produtivas nacionais e de afirmação de uma economia cada vez mais orientada pela racionalidade técnica e pelo progresso material. Contudo, foi em 1851 que ocorreu a primeira exposição que pode ser considerada verdadeiramente universal, realizada em Londres, na medida em que reuniu produtos e manufaturas de diferentes países, operando como um termômetro comparativo da atividade industrial internacional e como veículo de disseminação da ideologia do progresso capitalista.

Nesse contexto, a participação do Brasil nesses eventos revela tensões e ambivalências. Embora o país ainda fosse majoritariamente agrário, exportador e, até 1888, escravista, buscou se inserir nesses espetáculos internacionais como forma de afirmar sua

adesão aos ideais de modernidade vindos das nações “civilizadas”. As exposições nacionais e a presença brasileira em exposições internacionais funcionavam como estratégias de afirmação simbólica, projetando uma referência de nação em transformação, capaz de dialogar com o capitalismo industrial global. Ao mesmo tempo, essa participação ocultava desigualdades estruturais e contradições internas, ao privilegiar determinados setores econômicos, regiões e grupos sociais, sobretudo aqueles vinculados à elite urbana e empresarial, como porta-vozes legítimos do progresso nacional.

Por meio das exposições, a burguesia encontrou um veículo adequado para a circulação não só de mercadorias, mas de ideias em escala internacional. Ou seja, as exposições não visavam apenas ao lucro imediato, advindo do incremento das vendas ou do estímulo à produção industrial pela comparação entre os potenciais das diferentes nações. As exposições foram também elementos de difusão/aceitação das imagens, ideais e crenças pertinentes ao *ethos* burguês. Neste sentido, elas procuraram passar as noções de que empresários triunfavam porque eram competentes, o progresso era necessário e desejável, o capitalismo provocava bem-estar, a fábrica era lugar de harmonia e não de conflito, a fraternidade entre os povos era possível de ser mantida, etc (Pesavento, 1997, p. 14-15).

Sete anos após a Exposição Estadual de 1901, a participação gaúcha em uma mostra de alcance nacional torna possível observar outro movimento de construção pública do progresso rio-grandense. Se em Porto Alegre o estado havia organizado uma exposição voltada à celebração interna da ordem republicana e da capacidade produtiva regional, em 1908 o Rio Grande do Sul foi apresentado no Rio de Janeiro, diante de uma vitrine nacional organizada em torno de uma efeméride diretamente vinculada à história econômica e política do país. A Exposição Nacional de 1908, realizada em comemoração ao centenário da abertura dos portos do Brasil às nações estrangeiras, também esteve associada às comemorações da chegada da família real portuguesa ao Brasil, em 1808.

Montada na Praia Vermelha, na encosta do Morro da Urca, a exposição tinha, entre seus principais propósitos, apresentar uma capital federal recentemente remodelada e saneada, em meio às reformas urbanas conduzidas pela administração de Pereira Passos e às campanhas sanitárias lideradas por Oswaldo Cruz. O evento reuniu aquilo que se entendia como o mais desenvolvido e inovador produzido no país, sendo planejado como uma vitrine da *Belle Époque* carioca e do progresso da nação brasileira.

A comemoração do centenário da abertura dos portos conferia ao evento uma densidade histórica específica. A efeméride remetia à inserção do Brasil em circuitos

internacionais de comércio e à reorganização das relações do país a partir desse evento. Ao ser celebrada em 1908, essa memória era reelaborada em um contexto republicano, urbano e industrializante. A exposição articulava uma lembrança do passado imperial a uma proposta de futuro republicano, mobilizando a história como recurso para afirmar o desenvolvimento nacional.

Todavia, o progresso, esta ideia-mestra do século XIX, não é apenas utopia, desejo coletivo e difuso de um mundo melhor. Ele é também a outra faceta que comporta o imaginário e que se dá o nome de ideologia. Nesta dimensão, o progresso é veiculado pelo discurso, carregado de intenções e significados e seus arautos são comprometidos com a ordem estabelecida (Pesavento, 1997, p. 173).

A Exposição Nacional de 1908 pode ser lida a partir dessa chave. Seus pavilhões, jardins, fotografias, catálogos, mapas, máquinas e objetos industriais exibiam aquilo que se produzia no país, assim como dizia sobre quem podia representar a modernidade brasileira. Cada estado apresentava seus produtos e imagens, ocupando um lugar na composição de um Brasil moderno, produtivo e integrado. Nesse arranjo, a participação gaúcha interessa porque apresenta como o Rio Grande do Sul foi apresentado diante da nação e quais elementos foram mobilizados para inscrevê-lo nessa concepção pública da modernidade.

Ao longo dos três meses em que permaneceu aberta, a exposição deu origem a um vasto conjunto de fotografias que registravam a beleza e as particularidades arquitetônicas de cada pavilhão e revelavam o imaginário de progresso e modernidade que se buscava difundir naquele momento (Souza; Campos, 2011). Esses registros visuais funcionaram como instrumentos de divulgação do evento, reforçando o discurso de um país em transformação e alinhado aos padrões civilizatórios considerados mais adequados ao mundo moderno. Pelas vias férreas que conectavam diferentes regiões do Brasil, os artigos expostos foram transportados gratuitamente e distribuídos em seus respectivos pavilhões, evidenciando tanto a centralidade das ferrovias quanto a articulação logística necessária para a realização de um evento dessa magnitude.

O único pavilhão estrangeiro presente era o Palácio Português, cuja participação reafirmava os vínculos simbólicos e históricos entre Brasil e Portugal. Entre os pavilhões estaduais, São Paulo, Bahia, Minas Gerais e o Rio de Janeiro contavam com edificações próprias, enquanto os demais estados tiveram suas exposições reunidas no Palácio dos Estados, solução que também produzia, ainda que de forma implícita, uma hierarquia na

expressão das diferentes unidades da federação. A exposição incluía construções destinadas a empresas privadas, sendo o maior desses espaços o pavilhão da *Fábrica Bangu*, dedicada à produção têxtil, que naquele momento era um dos maiores símbolos da industrialização nacional.

Além disso, outros edifícios apresentavam setores ligados à agroindústria e aos serviços públicos, como os pavilhões do Corpo de Bombeiros, da Imprensa e dos Correios e Telégrafos. Entre essas construções, distribuíam-se espaços de sociabilidade e entretenimento, como áreas musicais e cinematográficas, teatros, restaurantes, cafeterias, quiosques, estações e jardins. Esse conjunto reforçava o caráter multifacetado da exposição, que articulava produção industrial, agrícola, serviços, lazer e consumo, compondo uma encenação do progresso, alinhada aos ideais de modernização e civilidade que marcavam o início do século XX (Levy, 1998; Pesavento, 1997).

Figura 2 – Vista do Palácio dos Estados



Fonte: Malta, 1908.

No interior dessa composição nacional, o Rio Grande do Sul estava colocado no Palácio dos Estados, e o *Catálogo resumido ou synthese dos mostruários da Exposição Nacional de 1908* apresenta a disposição dos mostruários no interior desse edifício. A partir da análise dos itens expostos, percebe-se que o Rio Grande do Sul contou com uma exposição

particularmente diversa, reunindo produtos de distintos ramos da indústria, artigos agrícolas, máquinas, além de mapas, fotografias e tabelas estatísticas.

Das cinco salas destinadas ao Rio Grande do Sul, distribuídas entre o primeiro e o segundo pavimento do Palácio dos Estados, duas, localizadas no térreo, eram ocupadas exclusivamente por produtos da *E. Berta & Cia*. Essa presença concentrada conferia destaque à empresa no conjunto da exposição gaúcha, indicando tanto sua relevância no cenário industrial do estado quanto sua capacidade de se projetar em um evento de alcance nacional.

Todavia, a presença da *E. Berta & Cia* não deve ser observada de forma isolada, mas como parte da própria composição da imagem industrial do Rio Grande do Sul. Ao ocupar duas salas no térreo do Palácio dos Estados, a fábrica tornava visível um setor considerado estratégico para a modernização: a metalurgia. Cofres, fogões e outros artigos de ferro condensavam aspectos importantes do imaginário moderno. Nesse retrato, a indústria gaúcha era apresentada por meio de objetos que dialogavam tanto com instituições financeiras e comerciais quanto com o cotidiano urbano das famílias e empresas.

Entre as coleções fotográficas produzidas durante a exposição, a do fotógrafo italiano José Boscagli se diferencia por registrar o interior dos palácios e pavilhões, permitindo observar a organização espacial dos mostruários. Nesse conjunto de imagens, encontram-se fotografias do espaço dedicado à *E. Berta & Cia*, nas quais é possível visualizar os ambientes expositivos tal como descritos e inventariados no catálogo, reforçando a centralidade da empresa na projeção industrial do Rio Grande do Sul na Exposição Nacional de 1908. Nas fotografias de Boscagli os objetos aparecem dispostos de maneira a produzir uma leitura da empresa e, por extensão, do estado que ela apresentava.

Figura 3 – Cofres *Berta* na Exposição Nacional de 1908



Fonte: Boscagli, 1908.

No *Álbum da Exposição Nacional*, a fábrica de Alberto Bins contou com uma propaganda que ocupava uma página inteira. O conjunto do impresso chama atenção pelo fato de a *E. Berta & Cia* ser a única fábrica ali publicizada a produzir os artigos destacados na propaganda, o que lhe conferia uma visibilidade singular. Observa-se, ainda, que Porto Alegre, embora não dispusesse de um pavilhão próprio na exposição, ocupava um espaço de destaque no álbum. Assim como ao estado de São Paulo, também foram dedicadas ao Rio Grande do Sul algumas páginas específicas, nas quais se sobressaem informações sobre o *Banco do Comércio de Porto Alegre* e o *Banco da Província do Rio Grande do Sul*.

Figura 4 – Propaganda *E. Berta & Cia* no Álbum da Exposição de 1908



Fonte: *Álbum da Exposição de 1908*, p. 20.

A publicidade mostra que a *E. Berta & Cia* mantinha uma loja no Rio de Janeiro, o que indica que sua atuação se expandia para além do mercado regional. A participação na Exposição Nacional de 1908 reforçava essa estratégia, articulando espaço expositivo, publicidade impressa e presença comercial na capital federal.

O período analisado corresponde à *Belle Époque* brasileira, aproximadamente entre 1890 e 1922, marcada por transformações urbanas, tecnológicas e culturais que projetavam a cidade como espaço de modernidade visível nas ruas, nas vitrines e nos hábitos cotidianos. Os cofres e outros produtos industrializados fabricados pela empresa integravam os consumidores a essa experiência de transformação técnica, associada à difusão de novas tecnologias, meios de transporte, sistemas de comunicação e objetos que modificavam a vida urbana. Conforme observa Sevcenko (1998), as primeiras décadas do século XX foram atravessadas pela incorporação acelerada de inovações técnicas ao cotidiano, alterando ritmos de vida, formas de circulação e expectativas em relação ao futuro.

No curso de seus desdobramentos surgirão, apenas para se ter uma breve ideia, os veículos automotores, os transatlânticos, os aviões, o telégrafo, o telefone, a iluminação elétrica e a ampla gama de utensílios eletrodomésticos, a fotografia, o cinema, a radiodifusão, a televisão, os arranha-céus e seus elevadores, as escadas rolantes e os sistemas metroviários, os parques de diversões elétricas, as rodas-gigantes, as montanhas-russas, a seringa hipodérmica, a anestesia, a penicilina, o estetoscópio, o medidor de pressão arterial, os processos de pasteurização e esterilização, os adubos artificiais, os vasos sanitários com descarga automática e o papel higiênico, a escova de dentes e o dentifrício, o sabão em pó, os refrigerantes gasosos, o fogão a gás, o aquecedor elétrico, o refrigerador e os sorvetes, as comidas enlatadas, as cervejas engarrafadas, a Coca-Cola, a aspirina, o Sonrisal e, mencionada por último mas não menos importante, a caixa registradora. E não era só uma questão da variedade de novos equipamentos, produtos e processos que entravam para o cotidiano, mas o mais perturbador era o ritmo com que essas inovações invadiam o dia a dia das pessoas, principalmente no contexto desse outro fenômeno derivado da revolução, as grandes metrópoles modernas (Sevcenko, 1998, p. 7).

A *E. Berta & Cia* não atuava sozinha no mercado de cofres e artefatos metálicos. Registros do *Almanak Laemmert* indicam a existência de outros fabricantes do setor, como a *Wallig & Cia* e a *Viúva Gustavo Hugo & Cia*, em Porto Alegre. Em âmbito nacional, destacavam-se a *Fundição Progresso*, fundada no Rio de Janeiro em 1881, e a *Bernardini*, instalada em São Paulo em 1912, ambas produtoras de cofres, fogões e artigos metálicos. Contudo, embora essas empresas funcionassem no mesmo momento e apresentassem catálogos de produtos semelhantes ao da fábrica de Alberto Bins, pouco foi localizado a seu respeito, especialmente no que se refere à participação em exposições e à circulação de materiais promocionais. A presença da *E. Berta & Cia* em catálogos, álbuns, fotografias, anúncios e exposições de alcance nacional contribuiu para ampliar sua notoriedade e consolidar sua posição como uma das representantes da indústria gaúcha na construção da ideia de desenvolvimento econômico e modernização construídas nas primeiras décadas do século XX.

Figura 5 – Papel timbrado da *E. Berta & Cia*

Fonte: Biblioteca Nacional (s/d).

A figura acima corresponde a um papel timbrado da *E. Berta & Cia*, no qual se observa de forma explícita o uso simbólico das premiações obtidas em exposições. Logo abaixo do logotipo da fábrica, são destacadas as duas medalhas de ouro da Exposição Brasileira Alemã e os dois grandes prêmios conquistados na Exposição Nacional de 1908. As premiações são mobilizadas como elemento central de legitimação do empreendimento, estratégia que também se repete na publicidade veiculada no *Almanak Laemmert* de 1907, evidenciando o valor simbólico atribuído a esses reconhecimentos no universo dos negócios do período.

O poder simbólico, conforme formulado na teoria sociológica de Pierre Bourdieu, não se impõe de maneira automática. Ele se realiza na medida em que é reconhecido e compartilhado no interior de relações sociais que o tornam eficaz, dependendo da adesão, muitas vezes não explicitada, daqueles que o reconhecem e reproduzem. Como afirma Bourdieu, “[...] o poder simbólico é, com efeito, esse poder invisível...” (Bourdieu, 2012, p. 7-8). É nesse tipo de configuração relacional que se inserem as exposições nacionais e internacionais, que, por meio de seus sistemas de premiação, funcionavam como instâncias produtoras e legitimadoras desse poder.

Ao conferir distinções aos empreendimentos premiados, as exposições contribuíam para consolidar sua posição no mercado e entre as elites econômicas. As medalhas ultrapassavam a avaliação técnica dos produtos e funcionavam como formas de reconhecimento público, passíveis de serem mobilizadas em anúncios, catálogos e demais estratégias de divulgação. No caso da *E. Berta & Cia*, a condição de premiada foi incorporada à identidade da empresa e do próprio Alberto Bins, convertendo o prestígio obtido nas exposições em recurso de afirmação pública e política.

A trajetória posterior de Alberto Bins demonstra como esse reconhecimento extrapolou o universo empresarial. Mesmo após afastar-se da administração cotidiana da fábrica durante sua gestão à frente da Prefeitura de Porto Alegre (1928-1937), as distinções acumuladas ao longo da carreira permaneceram associadas ao seu nome e à sua atuação.

A participação do Rio Grande do Sul na Exposição Nacional de 1908 também não se encerrou com o término da mostra. Catálogos, fotografias, anúncios e o álbum oficial preservaram e difundiram uma ideia do estado fundada na diversificação econômica, na capacidade industrial e na valorização dos conhecimentos técnicos. Se, em 1901, a Exposição Estadual celebrou essas qualidades no âmbito regional, em 1908 elas passaram a integrar uma narrativa de alcance nacional, construída em diálogo com as demais unidades da federação. Nesse processo, a trajetória da *E. Berta & Cia* ilustra como um empreendimento industrial podia adquirir visibilidade para além da esfera econômica, tornando-se parte das formas pelas quais o Rio Grande do Sul foi apresentado e lembrado nas comemorações do início do século XX.

Considerações finais

A Exposição Nacional de 1908 integrou as comemorações do centenário da abertura dos portos e reuniu diferentes estados brasileiros em torno da apresentação de seus recursos econômicos e industriais. Na Exposição Estadual de 1901, realizada em Porto Alegre, o Rio Grande do Sul celebrou a si mesmo como espaço republicano, produtivo e pacificado, associando a prosperidade material à consolidação institucional do regime. Na Exposição Nacional de 1908, realizada no Rio de Janeiro, essa imagem foi consolidada em uma vitrine mais ampla, na qual o estado passou a disputar lugares simbólicos na construção do progresso brasileiro.

Nos dois casos, as exposições funcionaram como espaços de seleção e consagração. Ao reunir produtos agrícolas, objetos industriais, máquinas, mapas, fotografias, estatísticas e discursos oficiais, esses eventos mostravam aquilo que era produzido e organizavam uma narrativa sobre o que deveria ser reconhecido como moderno. Aquilo que era exposto, premiado, catalogado e fotografado passava a integrar um repertório durável de referências, posteriormente reproduzido em impressos, álbuns, propagandas e outros registros. Desse modo, as exposições não se encerravam no período de sua realização: seus efeitos continuavam a circular nos documentos, nas imagens e nas distinções que delas derivavam.

A participação gaúcha nesses eventos revela a tentativa de apresentar o estado como território de desenvolvimento econômico diversificado, articulando agricultura, indústria, técnica e capital financeiro. Em 1901, essa apresentação esteve diretamente associada à ordem republicana e à superação discursiva dos conflitos que marcaram a década anterior. Em 1908, a presença do Rio Grande do Sul no Palácio dos Estados, bem como sua visibilidade no *Álbum da Exposição Nacional*, indicava o esforço de inscrever a produção regional na construção nacional de modernidade. A comparação entre as duas mostras permite observar que a celebração do progresso operava tanto no plano interno da política estadual quanto na projeção externa da economia gaúcha.

A trajetória de Alberto Bins e da *E. Berta & Cia* foi utilizada, neste artigo, como fio de observação desse processo. A presença da fábrica nas exposições permite observar, em escala empresarial, como essa representação do progresso era construída. Os cofres, fogões, máquinas, instalações de energia, premiações e anúncios da empresa constituíam objetos materiais e simbólicos, mobilizados para afirmar a capacidade produtiva da indústria gaúcha. Ao ocupar espaços nos pavilhões, catálogos, fotografias e propagandas, a *E. Berta & Cia* integrava uma linguagem pública na qual a modernidade era apresentada como segurança, eficiência e domínio técnico. Nesse enquadramento, a empresa também contribuía para projetar o Rio Grande do Sul como um espaço de desenvolvimento industrial.

A concessão da patente de Major da Guarda Nacional a Alberto Bins durante a Exposição Estadual de 1901 também permite compreender como esses eventos articulavam economia e política. A exposição funcionava como espaço de aproximação entre empresários e lideranças republicanas, favorecendo a conversão de reconhecimento econômico em distinção política. Esse movimento mostra que as mostras eram também ambientes de sociabilidade, legitimação e incorporação de novos agentes às redes de poder.

Nesse sentido, as exposições analisadas participaram da construção de uma memória sobre o desenvolvimento gaúcho. Essa narrativa privilegiava determinados setores, produtos, sujeitos e instituições, apresentando-os como expoentes do futuro moderno. Ao mesmo tempo, aspectos importantes da realidade social do Rio Grande do Sul não ocupavam espaço semelhante nessa representação. O elevado analfabetismo, as desigualdades sociais e as condições precárias de vida de parte da população contrastavam com a ideia de prosperidade e desenvolvimento apresentada nos pavilhões, catálogos, fotografias e demais registros. A valorização da técnica, da indústria e do conhecimento também convivia com dificuldades de

acesso à educação, especialmente entre trabalhadores e parcelas da população negra no período posterior à abolição.

As próprias formas de representação da produção industrial ajudam a perceber essa diferença. Nas descrições das fábricas, os trabalhadores apareciam principalmente como parte da capacidade produtiva dos estabelecimentos, enquanto as condições de trabalho e os conflitos decorrentes das relações entre trabalhadores e empresários, que se tornavam cada vez mais presentes, não apareciam. A Exposição Estadual de 1901 também apresentava a Revolução Federalista como um conflito superado, associando a retomada da prosperidade à ordem republicana. As exposições selecionavam determinados aspectos da realidade e os organizavam em uma concepção de progresso, na qual indústria, técnica, produção e ordem ocupavam o centro da representação, enquanto desigualdades, conflitos sociais e dificuldades vivenciadas por parte da população eram invisibilizadas.

Declaração de uso de IA

Utilizou-se o ChatGPT Free (OpenAI) como ferramenta de apoio para revisão gramatical, sugestões de tradução e aprimoramento da coesão textual. Todas as análises, interpretações e a versão final do manuscrito são de responsabilidade da autora.

Fontes

A FEDERAÇÃO. Porto Alegre, 1901-1908. Hemeroteca Digital Brasileira. Disponível em: <https://memoria.bn.br>. Acesso em: jun. 2026.

ÁLBUM da Exposição. Órgão da Propaganda Nacional. Rio de Janeiro, 1908. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=000574&pagfis=1>. Acesso em: 27 jul. 2024.

BOSCAGLI, José. **Exposição Nacional no Rio de Janeiro.** Coleção Miguel Calmon. Museu Histórico Nacional. Brasileira Fotográfica Digital, 1908. Disponível em: <https://brasilianafotografica.bn.gov.br/brasiliana/handle/20.500.12156.1/6142/discover>. Acesso em: 26 abr. 2024.

CATÁLOGO da Exposição Estadual de 1901. Porto Alegre: Officina Typographica de Gundlach & Becker, 1901.

LAEMMERT, Eduard. **Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro: Typographia Laemmert, 1891-1940. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=313394&pesq=&pagfis=1>. Acesso em: 19 out. 2022.

MALTA, Augusto. **Fotografias da Exposição Nacional de 1908**. Coleção da Família Passos. Museu da República. Disponível em: <https://brasilianafotografica.bn.gov.br>. Acesso em: 20 jun. 2024.

NEVEZ, Arthur Getúlio das. **Catálogo resumido ou synthese dos mostruários da Exposição Nacional de 1908**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1908. Disponível em: <http://biblioteca.in.gov.br>. Acesso em: 04 jul. 2024.

Referências bibliográficas

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 16. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

FAUSEL, Erich. **Alberto Bins: O merlense brasileiro**. São Leopoldo/RS: Rotermund & Cia. LTDA, [1957/1958 ?].

LEVY, Ruth Nina Vieira Ferreira. **Entre palácios e pavilhões: a arquitetura efêmera da Exposição Nacional de 1908**. Dissertação (Mestrado em História da Arte). Centro de Letras e Artes da Escola de Belas Artes. Universidade Federal do Rio de Janeiro. 1998.

MARTINY, Carina. **“Os seus serviços públicos e políticos estão de certo modo ligados à prosperidade do município”**. Constituindo redes e consolidando o poder: uma elite política local (São Sebastião do Caí, 1875-1900). Dissertação (Mestrado em História) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS, 2010.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Exposições universais: espetáculos da modernidade do século XIX**. São Paulo: Hucitec, 1997.

SEVCENKO, Nicolau. O prelúdio republicano: astúcias da ordem e ilusões do progresso. In: SEVCENKO, Nicolau (org.). **História da vida privada no Brasil**, v. 3: República: da Belle Époque à era do rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 7-48.

SOUZA, Andrea Pereira Gomes de; CAMPOS, Gisela Belluzzo de. **A Exposição Nacional de 1908: o material iconográfico como expoente**. Design, Arte, Moda e Tecnologia. Editors: Universidade Anhembi Morumbi, UNESP Bauru, PUC Rio. 2011. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/283351692_A_Exposicao_Nacional_de_1908_o_material_iconografico_como_expoente. Acesso em: 25 jun. 2024.